

---

**CHARLES ADDAMS: DOS QUADRINHOS PARA A LITERATURA**

Charles Addams: from comics to literature

Fernando Teixeira Luiz<sup>1</sup>

WEST, Alexandra. *A Família Addams*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020. Ilustração de Lissy Marlin. Tradução de Érico Assis. 32 p.

O cartunista norte-americano Charles Samuel Addams (1912 – 1988) está entre os grandes nomes do universo dos quadrinhos, responsável pela criação, projeção e sucesso de personagens emblemáticos que integram a excêntrica família Addams. As narrativas envolvendo o casal Gomez e Mortícia, os filhos Wandinha e Feioso, o tio Chico, a vovó Addams e o mordomo Tropeço ganharam repercussão nas tirinhas semanais do jornal *The New Yorker*, em 1932. Com a morte do autor, em 1988, sua vasta produção passou a transitar por diversas mídias, transformando-se, em 2020, em texto literário destinado a leitores em formação, como explicaremos mais adiante.

São inúmeras as adaptações, releituras e reendereçamentos da ficção de Charles Addams. A primeira foi a série exibida pela TV norte-americana, emissora ABC, entre os anos de 1964 e 1966. A segunda ganhou ampla visibilidade e repercussão em Hollywood com o longa-metragem *A família Addams*, em 1991, precisamente três anos após a morte de Charles Addams. O êxito de bilheterias rendeu ainda dois novos filmes, que chegaram às salas de cinema em 1993 com *A família Addams II*, e em 1998 com *O retorno da família Addams*. O aspecto macabro, os elementos góticos, os tons expressionistas e a comicidade construída a partir de situações mórbidas e grotescas constituíam ingredientes que se mostravam incidentes, constantes, na trilogia dirigida por Dave Payne e Barry Sonnenfeld.

Interessante também observar como o mesmo núcleo de

---

<sup>1</sup> Professor assistente do Departamento de Educação da UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis (SP).

personagens igualmente divertiu plateias quando migrou para o território do desenho animado. Entre as animações mais aclamadas da década de 1970 está a trajetória da despojada *Família Addams* (1973), agora recriada, pelos estúdios Hanna-Barbera, para uma série juvenil. Os pais, Gomes e Mortícia, ao contrário dos outros casais retratados na história da animação não escondiam dos filhos o ímpeto apaixonado que nutriam um pelo outro. Mortícia, inclusive, usava um apertado vestido negro que lhe valorizavam as curvas, bem como um decote nada modesto (LUIZ, 2020). A narrativa abusava do *nonsense* e da intertextualidade, considerando que explorava, com encanto, a atmosfera dos filmes de terror, plena de zumbis e polvos gigantescos, um mordomo sorumbático fiel ao perfil de Frankenstein e uma mão, com vida própria, que se movia sozinha por todos os lados. Todavia, no universo libertador dos Addams, não se percebe nenhuma considerável estripulia por parte das crianças. Wandinha e Feioso, ainda que apreciassem o mundo dos mortos, protagonizavam poucas aventuras. Quando infringiam alguma regra e se encontravam em apuros, a intervenção adulta não hesitará em salvá-los. Por outro lado, em nenhum momento se vê a punição imposta pelos pais perante a desobediência de qualquer natureza. Na verdade, para os valores dos Addams – que a população rotulava como impróprios – a transgressão não carregava nenhuma conotação negativa. Em 1992, os estúdios Hanna-Barbera retomaram a citada animação, desenvolvendo novos episódios com Mortícia, Gomes e as crianças. Contudo, vale observar que, na nova empreitada, o humor, geralmente desenvolvido e deflagrado a partir do grotesco, será atenuado, tendo em vista o público para qual a obra foi exclusivamente destinada: a criança. Além disso, opta-se por formas mais arredondadas e sequências marcadas pela pluralidade de cores, em contraste com o traço estilizado e os tons sóbrios (e não sombrios) que marcaram a adaptação de 1973. Em 2019, o universo dos Addams seria revisitado novamente, agora pela Universal Pictures, como longa-metragem. As personagens ganharam animação por meio da computação gráfica, adquirindo aspectos bem mais assustadores que a versão de 1973.

Em 2010, a Broadway ofereceu uma criativa adaptação da família Addams para a linguagem dinâmica e irreverente do musical. No Brasil, em 2012, as histórias protagonizadas por Mortícia igualmente tornaram-se alvo de uma interessante releitura no teatro, firmando-se com um espetáculo na mesma linha da Broadway. Em março de 2022 o mencionado espetáculo nacional voltou aos palcos paulistanos, trazendo nomes de destaque como Marisa Orth e Daniel Boaventura.

Vale sublinhar, contudo, uma recente proposta de reendereço para o território da literatura, empreitada, até então inédita. Tornaram-se frequentes textos literários recriados por meio da linguagem do cinema, da animação gráfica, dos quadrinhos e da dramaturgia. Dificilmente o itinerário

inverso foi percorrido pelas personagens, ou seja, raros são os casos em que figuras do cenário visual ou audiovisual deslocam-se para a atmosfera da literatura, para o mundo das letras. As personagens de Charles Addams, como demonstramos, migraram dos quadrinhos para o cinema, o teatro e o desenho animado. No caso do livro, objeto da presente resenha, a ideia, bastante arrojada, estava em transferir as peripécias de Gomez e seu clã para as páginas de um livro. O material foi publicado pela editora Haper Collins Brasil, em 2020, com textos de Alexandra West, ilustrações de Lissy Marlin e tradução de Érico Assis. Além das narrativas serem recriadas no plano literário, cumpre destacar a opção de Alessandra West em não recorrer ao texto em prosa, mas à linguagem poética, aproximando a proposta de Charles Addams, ainda mais, do público infantil. Nesse sentido, o texto verbal apresenta diferentes composições de estrofes (dísticos, tercetos, quartetos, quintilhas e nonas) e rimas que se desdobravam entre intercaladas e emparelhadas. Assim, a cada página, o leitor acabava sendo surpreendido por um dos integrantes da citada família. Tais integrantes desfilavam a partir da voz de um eu lírico que, gradativamente, estreitava vínculos com o destinatário e o convidava para percorrer os diversos cômodos da casa e conhecer as despojadas personagens que povoavam o presente livro, como poderemos observar a seguir:

Vocês querem se assustar?  
Querem se apavorar?  
Preparem olhos e ouvidos,  
queridas e queridos,  
Para este clã singular.  
Não há o que temer,  
Pois quem vão conhecer  
É a família Addams!  
Será um grande prazer!  
(WEST, 2020, p. 06)

A seleção lexical empreendida no texto, marcada pelo tom coloquial e, ao mesmo tempo, pelo aspecto afetivo (“queridas e queridos” ou “Será um grande prazer”), sugere uma aproximação progressiva entre o leitor e a matéria literária. Ao mesmo tempo, apontam para a desconstrução ou ressignificação de verbos como “assustar” e “apavorar” mediante a justificativa intercalada no sexto verso (“Não há o que temer”). Nesse sentido, o núcleo dos Addams, anunciado no texto por meio do substantivo “clã”, acaba sendo assinalado pelo eu lírico, como grupo de figuras que divertem e não assustam. As tirinhas da década de 1930 estabeleciam o humor com base no grotesco, revisitando monstros da literatura e do cinema

com os artifícios da paródia. O texto infantil em destaque também propõe uma estrutura similar, sempre pautado na ambivalência entre construção e desconstrução do macabro. Quando, por exemplo, os grandes protagonistas entram em cena, o texto poético ocupa-se em caracterizá-los, em princípio, como aterradores, revendo o mesmo posicionamento ao exaltar a afeição que nutrem pela própria família. Será inevitável a conexão da criança, mediada pela memória afetiva, com as imagens de seu meio que se associam aos modelos sugeridos por Gomez e Mortícia, ou seja, pai, mãe ou outro responsável pelo infante. Tais observações podem ser notadas na estrofe a seguir:

Aí estão Mortícia e Gomez,  
Pavor à primeira vista.  
Improvável que no mundo  
outro casal assim exista.  
Eles formaram a família,  
sua paixão, seu tesouro.  
Quer conhecê-los?  
É uma oportunidade de ouro!  
(WEST, 2020, p.08)

No percurso pela labiríntica casa dos Addams, os integrantes da família são apresentados pouco a pouco por intermédio das sequências de versos. Assim, o leitor pode desfrutar da companhia da garota Wandinha: “é a mais velha, uma adolescente bem funérea” (p.09), do menino Feioso, “ (...) é um travesso, um indecoroso” (p. 10) e do tio Chico: “Os Addams recebem todos bem, sem qualquer porém; Tio Chico, então, é sempre um grande brincalhão” (p.18). Personagens como a vovó Addams, o mordomo Tropeço e a Mãozinha ocupam posição secundária, uma vez que o texto procura sublinhar as crianças como protagonistas. Talvez esta seja a grande diferença na adaptação para o cenário da literatura. Ainda que os quadrinhos de Charles Addams fossem direcionados aos públicos infantil e juvenil, bem como as adaptações para a série de TV, o teatro, o cinema e o desenho animado, as histórias acentuavam, aqui, as peripécias dos adultos, sobretudo Gomez, Mortícia e Tio Chico. As crianças desempenhavam função de coadjuvantes, não desfrutando do mesmo destaque conferido aos anciões da família. Na releitura sugerida pela literatura, as travessuras de Wandinha e Feioso assumem absoluta relevância tanto no texto artístico quanto no contexto do universo ficcional. Tal dado vem ao encontro da poética que sustenta a literatura infantil contemporânea, em que o discurso de autoafirmação da criança e o modelo emancipador de família, apontado por Regina Zilberman no livro *Literatura infantil na escola* (1982), conferem às personagens

infantis, heróis-mirins, uma postura autêntica e libertadora.

No entanto, vale ainda apontar, assinalar e problematizar, além da poesia, um aspecto nitidamente marcante no livro: o apelo visual. Sabemos que o mercado editorial investe consideráveis cifras no projeto gráfico, em que a imagem não é apenas recriada, na esteira do texto verbal (conto ou poema), mas oferece um profícuo diálogo com a proposta do escritor (CAMARGO, 1988). Há, inclusive, ampla valorização do ilustrador, tendo em vista que as instâncias legitimadoras (como o tradicional prêmio Jabuti) conferem reconhecimento também ao responsável por inserir gravuras em constante interação com o texto verbal, em constante coerência intersemiótica. Nessa linha, convém apurar como a artista contemporânea Lissy Marlin reinventa, no plano visual, o núcleo dos Addams, já consagrado no cenário da cultura de massa. Nota-se que a artista parte do longa-metragem de animação gráfica, veiculado em 2019, para tecer seus quadros. Há uma evidente aproximação entre o traço da artista e o material audiovisual assinado pelos diretores Conrad Vernon, Gail Berman, Alex Schwartz e Alison O'Brien. A artista Lissy Marlin trabalha como *freelancer* na Filadélfia, com experiência tanto na composição de imagens como na animação de figuras. A intimidade com a ilustração e o cinema possibilitou a Marlin a construção de telas com a agilidade e o dinamismo da linguagem cinematográfica. É como se as cenas fossem “congeladas” e se apresentassem ao leitor em constante *articulação*, e não apenas *reprodução*, com a poesia de Alexandra West. A capa, inclusive, lembra bastante o universo da animação de 2019, reproduzindo, no título, as mesmas letras (caracteres) utilizadas no longa-metragem (na primeira página percebemos os tons prateados que reproduzem o aspecto clássico da logomarca). A capa indica uma fotografia, retomando os tradicionais álbuns de família, em que a galeria de personagens do livro se projeta para o leitor. Os álbuns citados, geralmente abordam lugares claros, festivos e pitorescos. No caso dos Addams, revela-se, ao fundo, a atmosfera noturna em meio a uma paisagem mórbida, sombria, iluminada apenas pela lua. Temos os detalhes do portão dos Addams, com pormenores minuciosos que reportam à reprodução de um morcego e de uma teia de aranha. Morcegos e aranhas, na condição de signos (LURKER, 2003) por se encontrarem intimamente ligados ao cinema de terror e ao grotesco, traduzem o ambiente aterrador povoado pelos Addams, em que a morte e as instâncias demoníacas assumem posição central. A fotografia, assim, além de englobar um aspecto afetivo, passa a dialogar com signos do cenário gótico, estabelece o vínculo intertextual com as releituras anteriores, instituídas na série de 1964, na abertura do desenho animado, de 1973, e no pôster do filme de 1992.

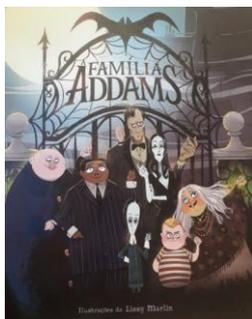


Figura 1- Capa do livro *A Família Addams* (2020).

No retrato, encontramos a seguinte disposição: à frente, Wandinha e seu irmão Feioso, que na companhia da avó ganham destaque como protagonistas. Próximos à dupla de crianças, podemos detectar, como figuras centrais, Mortícia e seu esposo. Ao lado de Gomez, surge seu irmão, o Tio Chico. Ao fundo, o mordomo Tropeço, integrando a família enquanto último grande membro. Todos reproduzem o mesmo gesto, “estalandando os dedos”, sugerindo o barulho similar presente na trilha sonora que embalou a série de 1964, o filme de 1991 e a animação de 2019. A Mãozinha, personagem cômica e emblemática tanto na série quanto no cinema, ressurgirá no livro não na capa, mas nas páginas seguintes, envolvida com as teclas do piano e, outrossim, reproduzindo os mesmos movimentos com os dedos, em mais uma referência intertextual às produções de 1964, 1991 e 2019. No mencionado filme, é a “Mãozinha” quem convida o espectador a percorrer a lúgubre, requintada e labiríntica mansão dos Addams, plena de corredores sinuosos, passagens secretas e perigos escondidos nas fendas, retratos e artefatos. O livro recupera a estética tradicional da casa, com sua mobília antiga, projetada com longas escadarias, e decoração marcada por castiçais e espelhos. Será a Mãozinha, na companhia do mordomo Tropeço, quem embalará o casal Gomez e Mortícia, envolvidos com o som de um piano. A cena explora, simultaneamente, dois planos de enquadramento (HIGUCHI, 1998), temos, de um lado o Tropeço em *primeiro plano*, representado da cabeça até os ombros; ao fundo, em um *plano geral ou panorâmico*, revelam-se Gomez e Mortícia.

O *plano geral* abrange de forma completa os corpos das personagens, acentuando o cenário em que se encontram. No caso, a grande área livre, cercada de portas e iluminada apenas por velas. Na página seguinte, é como se a mesma cena pudesse ser contemplada em outra perspectiva, evidenciando uma aproximação, por parte do leitor, das personagens Gomez e Mortícia. O *close* viabiliza, ainda, a percepção acerca

do casarão, sua dimensão gigantesca e todo o esmero da decoração. A figura do mordomo será avistada ao longe, em absoluto contraste com a cena anterior. As antíteses visuais edificadas no jogo de imagens (perto x longe) recuperam as tomadas cinematográficas e constituem eixos que surpreendem o destinatário. Nessa linha, embora a saga dos Addams tenha se iniciado no espaço dos quadrinhos, as releituras posteriores - como a literatura, o espetáculo teatral de 2010 e o longa-metragem (animação) de 2019 - encontram-se muito mais pautadas nos filmes, sobretudo nas na produção de 1991.



Figura 2- A Família Addams (2020), p. 03-04.



Figura 3- A Família Addams (2020), p.05-06.

Em última instância, resta ainda examinar os modos de representação das crianças que, diferente do que ocorre no cinema, no teatro, nos quadrinhos e mesmo na série de animação gráfica, recebem nítido destaque. Wandinha e Feioso já surgem no início da narrativa,

recuperando e reproduzindo cenas do longa-metragem de 2019. A garota, apontada como uma adolescente, mostra-se envolvida na leitura do livro *Frankenstein*, publicado, originalmente, em 1818. A referência a Mary Shelley pode ser identificada na própria ilustração, em que Wandinha, aplicando vários fios elétricos a um anfíbio, tenta ressuscitá-lo. A imagem de Feioso, por sua vez, será construída também a partir da projeção do estereótipo de cientista insano, figura incidente tanto na literatura quanto no cinema (como o próprio Dr. Frankenstein ou o Dr. Henry Jekyll, de *O médico e o monstro* (1886)). Na ilustração, o garoto encontra-se manipulando objetos que à primeira vista, não foram identificados pelo o leitor. No entanto, algumas páginas depois, o destinatário terá acesso à continuidade da cena: Feioso havia construído um foguete. A palavra “irado” representa uma variação linguística diastrática que reporta ao universo adolescente e aparece estampada no material. A imagem do garoto voando, agarrado ao foguete, atravessa as demais páginas da obra e apenas termina quando o menino, em meio a uma abrupta explosão, acaba caindo em uma cova que, inclusive, trazia seu nome na lápide. A comicidade, portanto, será sempre deflagrada a partir de situações que reportam ao grotesco. Nas palavras de Cardoso e Bressan Junior (2021): “*A Família Addams* se encaixa no grotesco de diversas formas. Uma delas é nessa contemplação que está sempre presente: enquanto a série possui terror, ela é cômica; os membros da família são retratados como monstruosos, mas não ferem a ninguém; os personagens são inconsequentes, porém cômicos; e os assuntos recorrentes e ‘difíceis’, como a morte, são retratados de maneira natural” (p.209).

Em linhas gerais, a sequência de adaptações da obra de Charles Addams evidencia um amplo movimento marcado pela intertextualidade, em que as personagens, migrando dos quadrinhos para as diferentes mídias (o cinema, o teatro e a animação), encontra na literatura uma forma particular de expressão. Expressão esta, em que as crianças assumem maior destaque, a poesia torna-se um elemento diferenciador, embora não tão plurissignificativa como nos textos de Ziraldo ou Gianni Rodari e a ilustração, ainda que dialogue com a poesia de forma dinâmica, mantém suas raízes fincadas nos modelos já consagrados no cinema e nos desenhos animados.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. H. *Poesia Infantil e Ilustração: Estudo sobre Ou Isto ou Aquilo* de Cecília Meireles. 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) Unicamp, Campinas.

CARDOSO, D; MARQUES, L.G; BRESSAN JUNIOR, M. A; A memória e a arte do grotesco na cultura televisiva: uma análise da série A Família Addams. *Revista Crítica Cultural*, Palhoça, SC, v. 16, n. 2, p. 203- 211, jul./dez. 2021.

HIGUCHI, K. Super-Homem, Mônica e Cia. In: CITELLI, A. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

LUIZ, F. T. *Desenho Animado: história, produção e poéticas*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2020. LURKER, M. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SHELLEY, M. *Frankenstein*. São Paulo: FTD, 2019 (primeira edição em 1818).

STEVENSON, R. L. *O Médico e o monstro*. São Paulo: Ática, 2011 (primeira edição em 1886).

STOKER, B. *Drácula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 (primeira edição em 1897).

WEST, A. *A Família Addams*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global Editora, 1982.

## AUDIOVISUAL

*A família Addams II*. Filme. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1993.

*A família Addams*. Animação. Estados Unidos: Estúdios Hanna-Barbera, 1973. *A família Addams*. Animação. Estados Unidos: Estúdios Hanna-Barbera, 1992. *A família Addams*. Filme. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1991.

*A família Addams*. Série. Estados Unidos. Criador: David Levy, 1964.

*Drácula* Estados Unidos: Tod Browning, 1931.

*Frankenstein* Estados Unidos: James Whale e Garret Ford ,1931.

*Nosferatu* Alemanha: Friedrich Wilhelm Murnau, 1922.

*O retorno da família Addams*. Filme. Estados Unidos: Warner Home Vídeo, 1998.

Data de recebimento: 10 jul. 2022

Data de aprovação: 10 set. 2022